

**COLÉGIO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO –
SERRO
TURMA DE 1970**

Apresentação

Cinco de dezembro de 1970. Nessa data foi celebrada nossa formatura do Curso de Magistério, naquela época chamado Curso Normal, no Colégio Nossa Senhora da Conceição, em Serro, Minas Gerais. Solicitei a colaboração de Lúcia Pires, irmã da formanda Sônia Pires, para redigirmos um discurso. Inspiradas no auge da corrida espacial, demos início à nossa viagem. O manuscrito foi guardado junto com algumas recordações da juventude vivenciada no Serro, e hoje, 50 anos depois, ele nos devolve a oportunidade de rememorar aqueles anos felizes, aquele momento inesquecível, em que nossos olhares perscrutavam o espaço sideral. Desejo compartilhar tais lembranças com todas as colegas e amigas. Assim, contando com a inestimável ajuda de Maria Coeli Simões Pires, Maria Amélia Cunha, Carminha Magalhães, Nilma Oliveira, dentre outras conterrâneas, entrei em contato com o maior número possível de pessoas, recuperando nomes e sobrenomes. A lista, sujeita a revisões, segue após o texto, acompanhada de prévias desculpas por algum erro de registro. Com afeto, parabenizo a todas!

COLÉGIO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO – SERRO
TURMA DE 1970¹

Viagem a uma viagem em 1970...
Bodas de ouro de uma formatura.²

Lúcia Maria Silva Pires

Ângela Maria Salgueiro Marques

A gente ainda era muito pequena para conhecer mistérios. No nosso mundo de bonecas, sonhos, fantasias, corre-corre, pega-pega, rodas, só havia lugar para uma felicidade ingênua. Mas o relógio do tempo ia se apressando, talvez para acompanhar nosso corre-corre... Ia batendo, ressoando a cada minuto, a cada instante... E eis que ele dá a sétima badalada. E, ainda sonhando, deixamos um pouco as bonecas, para nos ver vestidas com um uniforme de astronauta. Nós íamos conhecer um planeta e partimos em nossa Apollo. A viagem não foi tão longa. Chegamos a um planeta bastante desconhecido. Com olhar de curiosidade, olhamos todos os lados. Vimos gente pequena igual à gente, fadas, fascínio, encanto...

Que planeta misterioso! Será que conseguiríamos desvendar seus segredos? Quanta interrogação! Resolvemos caminhar. O planeta era escuro, pequeno, mas, mesmo assim, não havia muitos tropeções. Estávamos sempre de mãos dadas e, ao nosso lado, sempre ia alguém que já conhecia bem o caminho. E fomos começando a descobrir... Aquele misteriozinho estava dividido em quatro partes. A primeira era obscura, iluminada por uma luz que não

¹ As listas das formandas e professoras encontram-se no final deste documento.

² Discurso não oficial, de autoria de Lúcia Maria Silva Pires (irmã da formanda Sônia Maria Silva Pires – in memoriam) e Ângela Maria Salgueiro Marques, elaborado por ocasião da formatura das alunas do Colégio Nossa Senhora da Conceição, Serro, MG, em 1970 para marcar as inovações da era espacial. O discurso oficial foi escrito por Maria José Dumont e pronunciado por Marisa Rocha.

sabíamos de onde vinha. Era um reflexo, uma sombrazinha. Fomos andando. E a luz parecia caminhar conosco. Ela se tornava maior, mais ofuscante. O mistério ainda era mistério, e nossa esperança de desvendá-lo era um impulso para que apressássemos o passo. Era bem verdade que a luz ia só crescendo, mas dava para se ver que ela era muito longínqua. E, com os anos, paramos na quarta divisão do planeta.

E o que vimos? A princípio, não nos foi possível ver nada. A luz se tornou tão intensa que, num pisca-pisca, nossos olhos se fecharam. Que brilho! Que surpresa! Nossas mãos se entrelaçaram mais ainda, temendo que, em meio a tanto brilho, a gente se tonteasse.

Até que enfim vimos. A luz era uma estrela. Ela era tão linda! Vivia iluminando não só a nossa estrada, mas muitas outras. E o nosso planeta de quatro divisões estava por fim percorrido. O que fazer agora? Continuar paradas? Extasiadas? Não, era preciso decidir. Juntas, idealizaríamos uma nova nave e iríamos navegar. Havia tantos planetas desconhecidos! Planetas que estavam mais perto da estrela, planetas maiores, nos quais caberíamos, já que estávamos deixando de ser gente pequena. A gente se sentia tão valorizada! Dentro de uma astronave, cada uma e todas se sentiam as famosas exploradoras do espaço!

Dessa vez, a viagem foi maior. Talvez porque a realidade chegasse e nós tivéssemos medo de que a nave sofresse uma pane, provocando nossa queda. Talvez porque, estando mais perto da estrela, a gente já se conscientizasse da responsabilidade de ser mais parecida com ela. Mas, mesmo assim, não deixaríamos de cantar. Cantar canções de astronautas, tripulantes, canções de esperança que haveriam de deixar de ser espera, para ser realidade.

Haveríamos de conquistar a estrela! Prosseguindo, aterrissamos no segundo planeta. Aquele, sim, já era um planetão. De lá, avistamos nosso ponto de partida em miniatura, e a estrela muito mais próxima. De quando em vez, acreditávamos que, com um salto, pudéssemos segurar a estrela e subir sem precisar lutar muito. No entanto, sempre havia alguém mais experiente, que falava sem imperar: “Não salte. Você não é campeã de salto e sim conquistadora de uma estrela.” A gente então se reanimava. Sorria, erguia o

olhar e tornava a abaixá-lo. Estávamos nos aprofundando no senso de verdade, buscando, encontrando, caminhando...

Nós tínhamos que lutar. Só consegue a vitória quem luta. Nesse planeta havia muita alegria, exuberância. A alegria de nossa adolescência. Já havíamos deixado de ser gente pequena. Contudo os problemas se multiplicavam, as dificuldades se atreviam a ofuscar o fulgor da estrela, mas, com a nossa esperança bem viva, era impossível desistir. Uma vez empreendida nossa conquista, seria nobre alcançar o brilho da estrela. Quando isso acontecesse, seria a felicidade de um sonho realizado! A gente cerraria os olhos e logo os abriria, para ter certeza de não estar sonhando. Iríamos vencer!

O relógio do tempo que bateu sete badaladas continuava em sua marcha. A gente o olhava e sentia o coração disparado, ao ver que ele também parecia ansioso pelo nosso troféu. A cada minuto, o segundo planeta ia sendo explorado, conhecido. Ele já nos era familiar e já nos sentíamos muito à vontade. Entretanto, ele não deixava de ser um mistério, mesmo sendo menos misterioso. Inexplicável é que nele havia também quatro corredores. Uns repletos de ecos que nunca tínhamos ouvido antes. Quando era manhã no planeta, alguém nos guiava e falava Bom dia. Mas, Good morning, Comment allez vous, coisas sobre os números, explicações sobre a vida, a beleza do Deus que havia feito nosso planeta, foram novidades. Como este alguém sabia falar! E nós, astronautas, íamos captando aquela linguagem. Queríamos levá-la para quando estivéssemos junto à estrela.

Mais uma badalada. Paramos de novo no fim do quarto corredor. Já era noite. Olhamos o que ficou para trás. Que corredor comprido! A estrela podia tanto já ser nossa para enfeitar nosso planeta essa noite. Mas, não! Se ela vier sem nosso esforço, perderá muito do seu valor. Somos nós que temos de subir. A ânsia era enorme! E continuamos a olhar o que passou. Sem que ninguém falasse, sentíamos que teríamos que deixar o planeta. Ele já estava muito bem pesquisado. Não poderíamos dizer que não haveria saudades. Ele havia nos oferecido tanta alegria, tanta realização! Só que não haveria lágrimas. De modo algum. Haveria um Obrigada, carinho e um

adeus ao planeta. Lágrimas não. Elas só serviriam para impedir que a gente visse o brilho da estrela.

O adeus foi dito. Partimos de novo. Estacionamos um pouco, para a confecção da nova nave. Que maravilha seria se alguém a construísse para nós. Mas, de modo algum isso poderia acontecer. Criança é que não sabe construir seus brinquedos. Nós já éramos bem crescidas.

E agora? Como seria o novo planeta? Teria mais habitantes? Seria mais povoado? Uma certeza já havia. Nele haveria muita luz. Nunca haveria noite escura nem céu nublado. A estrela estava muito unida a ele. Olhando ainda de baixo, via-se que ela era bem próxima do planeta. Assim nos unimos mais e mais! Aquela última nave teria que ser a mais bem idealizada e bem construída. Era com ela que iríamos chegar à estrela. Ela brilharia tanto à luz da estrela! Nela haveríamos de levar todas as nossas esperanças, nossos conhecimentos, nossa gratidão, nossa saudade. Nada poderia ficar no velho planeta. Ele ficaria só, mas não abandonado. Em breve outros habitantes iriam visitá-lo. Com as dádivas de cada uma a nave foi construída. Restava voar, voar... Voar para terminar nossa viagem espacial. Voar para conquistar a estrela, para luzir à luz dela. Nossa vida já poderia ser chamada astrovida, pois já há muito éramos astronautas.

Navegamos, navegamos. O planeta parecia andar também. Quando chegaríamos? E a estrela, como nos receberia? Brilhante, feliz com nossa visita? Veríamos. Que ansiedade! A expectativa da chegada era tão infinita quanto o infinito no qual navegávamos.

Eis que o ritmo da nave diminui e pronto. Chegamos a um porto deslumbrante! Qual rumo tomaríamos: norte, sul, leste, oeste? Não, não haveria problemas. Havia setas, e muitas, indicando-nos o caminho certo. O planeta foi sendo pesquisado e bem pesquisado. É que tínhamos consciência de que seria o último. De que a responsabilidade de assimilar conhecimentos, captar experiências e adquirir novos bons hábitos era enorme. Era preciso render muito mesmo. E isso não nos custou, pois o planeta nos oferecia coisas interessantes, profundas e, além do mais, era a hora do estágio. Hora de colocar em prática o aprendizado. Lidamos com

vários tipos de crianças e elas foram a amostragem exata daquilo que nos esperava: olhinhos indagadores, perguntando-nos como conseguimos ser luzes. Então, penetraremos novamente no mundo infantil para dizer: “Sabem, ser luz é muito custoso, mas é bom. A gente viaja, viaja bastante. Vocês também poderão ser essa luz, se quiserem. Basta apenas que queiram. Quem viaja despoja-se. Foi isso o que fizemos. Deixamos de lado a vida folgada e abraçamos a vida cheia de sacrifícios. Porque queríamos ser estrelas!”

O fim se aproximava. Já estava bem perto. As provas chegaram e passaram. Os três cantos do planeta estavam percorridos. E então? Qual a próxima tarefa? Nada de afobação. Esperem: aí vem alguém que também percorreu alguns planetas. Primeiramente, foi em Amparo. Ele cresceu e viajou para um planeta maior: São Paulo, onde lutou até ser arquiteto. Mas foi pouco. Ele queria mais, por isso foi conhecer novos mundos. Queria ajudar o próximo de maneira mais humana, como representante da Funabem (Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor), em Minas Gerais. Ele é o nosso paraninfo: Dr. Gustavo.

A próxima tarefa será, pois, suave. Iremos com ele ao centro do planeta para receber o diploma de Magistério. É o fim. De tudo? Não, de uma corrida louca para conquistar um título. De hoje em diante, cada uma de nós, portando seu canudo de papel, qual uma alavanca de controle, será uma tripulante única. E quando a gente aportar em outro planeta, o que nos esperará? Nada de medo. Será muito lindo, pois governaremos um mundo infantil, mundo de fadas, gigantes, fascínio, indagações. Por mais misterioso que for o próximo planeta, não nos assustaremos: gente pequena não entende mistérios... Assim, vamos guiar as criancinhas, sendo luzes, sendo estrelas, só estrelas!...

FORMANDAS NO COLÉGIO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO – SERRO

05 DE DEZEMBRO DE 1970 *

1. Ângela Maria Salgueiro Marques
2. Dalma Simões
3. Euza Ribas
4. Francisca dos Anjos Morais Machado
5. Maria Carmelita Generoso Cunha
6. Maria da Consolação Silva Melo
7. Maria das Graças Figueiredo
8. Maria das Graças Gonçalves (de Rio Vermelho)
9. Maria do Carmo Magalhães Otoni
10. Maria Emília Simões
11. Maria Helena Lopes Carvalhais (falecida – de Rio Vermelho)
12. Maria Helena Nunes
13. Maria Ivonete Silva (de Joanésia)
14. Maria José Brandão
15. Maria José Dumont (de Coluna)
16. Maria Lúcia Machado
17. Maria Nilma Queiroz
18. Marisa Rocha (de Conceição do Mato Dentro – Oradora)
19. Mirian de Figueiredo Thomaz
20. Mônica das Graças Silva
21. Nilma Maria de Oliveira Carvalho
22. Rosângela Hosken Vieira (de Alvinópolis)
23. Ruth Barbosa
24. Sônia Maria Silva Pires (falecida)
25. Vera Lúcia Horta Alves

Professores do Magistério da Turma de 1970 – Serro *

1. Geraldo Elieser
2. Hilda Maria Coelho P. Miranda
3. Irmã Conceição Ferreira
4. Irmã Conceição Milagres (Lúcia)
5. Irmã Dulce Resende – (Diretora)
6. Irmã Inês Hosken
7. Irmã Luiza
8. Irmã Margarida Maria Sales
9. Irmã Maria Amélia Ferreira Ribeiro
10. Irmã Maria Assunção Coelho
11. Irmã Maria do Carmo Antunes Carvalho
12. Irmã Maria do Carmo Martins (Lourdes)
13. Irmã Rita Aparecida Menezes
14. Irmã Vanyr Martins de Souza (Celina)
15. Ivete
16. Maria Aparecida Rabelo Nunes Moreira
17. Maria da Conceição Freire
18. Maria do Socorro Magalhães Roque
19. Maria Francisca Oliveira
20. Míriam Cunha Silva
21. Semírames Alcântara de Oliveira
22. Terezinha Silva

* As listas encontram-se em fase de complementação e revisão.



Da esquerda para a direita, em primeiro plano: Maria Emília Simões, Dalma Simões, Ângela Maria Salgueiro Marques, Dr. Gustavo (Parainfo), Maria Helena Nunes e Marisa Rocha (Oradora). Atrás do Dr. Gustavo: Maria Nilma Queiroz. Em último plano: Rosângela Hosken Vieira e Mônica das Graças Silva.



Da esquerda para a direita: Maria Emília Simões, Ângela Maria Salgueiro Marques, Dalma Simões, Irmã Dulce Resende (Diretora), Maria Helena Nunes e Euza Ribas.



Maria Nilma Queiroz, Maria Lúcia Machado, Irmã Inês Hosken, Maria Helena Nunes, Dr. Gustavo (Paraninfo), Vera Lúcia Horta Alves. Em segundo plano: Maria Emília Simões, Maria José Brandão, Marisa Rocha, Maria da Consolação Silva Melo.

A PESQUISA DE QUE RESULTOU O PRESENTE DOCUMENTO É UMA CONTRIBUIÇÃO DA ACADÊMICA ÂNGELA SALGUEIRO MARQUES, TITULAR DA CADEIRA ASEL/30 – PATRONO LEOPOLDO DA SILVA PEREIRA - DA ACADEMIA SERRANA DE LETRAS – ASEL.

SERRO, 2020.